

**ESTUDOS CLÁSSICOS E
SEUS DESDOBRAMENTOS:**
ARTIGOS EM HOMENAGEM À PROFESSORA
MARIA CELESTE CONSOLIN DEZOTTI

Organizado por:
Fernando Brandão dos Santos
Jane Kelly de Oliveira

CULTURA
ACADÊMICA 

Editora

Copyright © 2015 by FCL-UNESP Laboratório Editorial
Direitos de publicação reservados a:
Laboratório Editorial da FCL

Rod. Araraquara-Jaú, km. 1
14800-901 – Araraquara – SP
Tel.: (16) 3334-6275

E-mail: laboratorioeditorial@fclar.unesp.br
Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

Estudos Clássicos e seus desdobramentos : artigos em homenagem à
professora Maria Celeste Consolin Dezotti / Organizado por: Fernando
Brandão dos Santos ; Jane Kelly de Oliveira. –
Es889 São Paulo, SP : Cultura Acadêmica, 2015.
326 p. ; 21 cm. – (Série Estudos Literários; 16)

ISBN 978-85-7983-728-9

1. Literatura clássica. 2. Dezotti, Maria Celeste Consolin.
3. Literatura -- Estudo e ensino. I. Santos, Fernando Brandão dos.
II. Oliveira, Jane Kelly de. IV. Série.

CDD 808.07

PLUTARCO E ESOPPO

Maria Aparecida de Oliveira Silva

À Celeste, com carinho e admiração.

As fábulas de Esopo permeiam o imaginário infantil ocidental desde as adaptações de suas breves histórias por Jean de La Fontaine, no século XVII. As fábulas de La Fontaine se tornaram provérbios morais para as gerações vindouras, pais e professores se apoiavam nos ditos morais de seus pequenos contos para educar e advertir as crianças sobre o certo e o errado. No entanto, essa tônica pedagógica infantil dada às fábulas não correspondem completamente ao universo literário de Esopo. Diferente do nobre e abastado La Fontaine, especula-se que Esopo tenha sido um escravo, do tipo por dívidas, muito comum na Atenas dos sécs. VII e VI a.C. Assim, o conteúdo de suas fábulas era mais voltado para as questões sociais e políticas de sua época, sem perder o seu caráter didático-moral. É interessante ressaltar que Esopo não foi o criador do gênero fabular, que já o encontramos em Hesíodo e Heródoto, por exemplo.

Como Duarte (2013, p.7) aponta:

Hesíodo introduz o relato sobre o encontro entre a águia e o rouxinol [...] trata-se do primeiro registro na Grécia dessa espécie de narrativa, breve, normalmente em prosa, muitas vezes

protagonizadas por animais falantes (embora não exclusivamente) e selada por uma máxima moral.¹

Do mesmo modo, Heródoto registra o seguinte episódio:

Iônios e élios, quando os lídios rapidamente foram conquistados pelos persas, enviaram mensageiros para Sárdis no palácio de Ciro, querendo estar nas mesmas circunstâncias que estavam quando eram súditos de Ciro. Após ouvir as coisas que eles lhe propunham, ele respondeu-lhe com uma fábula: conta-se que um flautista, quando viu peixes no mar, começou a tocar, pensando que eles saltariam na terra. Porque foi enganado por sua esperança, pegou uma rede, jogou-a e puxou um grande número de peixes, quando os viu agitando-se vivamente, ele então disse aos peixes: “Parai de dançar para mim, visto que não quistes saltar, dançantes, para mim quando eu toquei minha flauta.” Ciro contou essa fábula aos iônios e eólios por causa do seguinte, porque os iônios primeiro, quando o próprio Ciro pediu-lhes, por meio de mensageiros, que se revoltassem contra Cresos, eles não se persuadiram, mas, nesse momento, porque os acontecimentos já se encontram concluídos, estavam dispostos a obedecer Ciro. Ele, tomado pela cólera, disse-lhes essas coisas. E os iônios, porque ouviram essas palavras, quando retornaram para sua cidade, cercaram-na com muralhas. (*Histórias*, I. 141)²

¹ Excerto retirado de “Apresentação”, escrita por Adriane Duarte (2013). Sobre essa fábula contida nos versos de Hesíodo, trataremos mais adiante, uma vez que Plutarco também faz referência a ela em sua obra.

² Ἴωνες δὲ καὶ Αἰολεὺς, ὥς οἱ Λυδοὶ τάχιστα κατεστράφατο ὑπὸ Περσέων, ἔπεμπον ἀγγέλους εἰς Σάρδεις παρὰ Κῦρον, ἐθέλοντες ἐπὶ τοῖσι αὐτοῖσι εἶναι τοῖσι καὶ Κροίσῳ ἦσαν κατήκοοι. Ὁ δὲ ἀκούσας αὐτῶν τὰ προῖσχοντο ἔλεξε σφὶ λόγον, ἄνδρα φὰς αὐλητὴν ἰδόντα ἰχθῦς ἐν τῇ θαλάσῃ αὐλέειν, δοκέοντά σφας ἐξελεύσεσθαι εἰς γῆν. Ὡς δὲ ψευσθῆναι τῆς ἐλπίδος, λαβεῖν ἀμφίβληστρον καὶ περιβαλεῖν τε πλῆθος πολλὸν τῶν ἰχθύων καὶ ἐξειρύσαι, ἰδόντα δὲ παλλομένους εἶπεν ἄρα αὐτὸν πρὸς τοὺς ἰχθῦς· «Παύεσθέ μοι ὀρχεόμενοι, ἐπεὶ οὐδ' ἐμέο αὐλέοντος ἠθέλετε ἐκβαίνειν [ὀρχεόμενοι].» Κῦρος μὲν τοῦτον τὸν λόγον τοῖσι Ἴωσι καὶ τοῖσι Αἰολεῦσι τῶνδε εἵνεκα ἔλεξε, ὅτι δὴ οἱ Ἴωνες πρότερον αὐτοῦ Κύρου δεηθέντος δι' ἀγγέλων ἀπίστασθαι σφας ἀπὸ Κροίσου οὐκ ἐπέθοντο,

A fábula contada por Ciro nos remete a de Esopo que é intitulada “O Pescador que Tocava Flauta”:

Um pescador, hábil na arte de tocar flauta, pegou suas flautas e redes e foi para o mar. Instalado sobre uma rocha proeminente, começou a tocar, imaginando que os peixes viriam por si mesmos saltando até ele, atraídos pelo som agradável. Mas, embora tivesse insistido bastante, não obteve sucesso. Então se desfez das flautas, pegou a rede, lançou-a na água e pescou muitos peixes. Depois, retirou-os das malhas, sobre a praia, e ao ver que eles estavam pulando disse: “Ô, bichos miseráveis, quando eu tocava flauta vocês não dançavam, e agora que eu parei estão fazendo assim!?” (*Fábula 303*)³

Há registros que nos revelam que as fábulas nem mesmo nasceram no mundo grego, visto que temos fábulas já na Babilônia antiga, escrita em acádio, mas com a finalidade de exercitar o aluno na arte retórica. A mais famosa delas é a da “Águia e a Cobra” que foi incorporado no poema épico sumério que versa sobre o mito de Etana⁴. De qualquer forma, as fábulas utilizam um discurso tradicional popular para expressar ensinamentos que colaboram para a padronização de um comportamento.

O conteúdo moral das fábulas de Esopo despertou o interesse de Plutarco, especialmente em seus tratados morais, os *Moralia*. Há apenas uma citação de Esopo nas biografias plutarquianas, que encontramos na *Vida de Pelópidas*, um general tebano do séc. IV a.C., cuja fama se propagou no mundo antigo por ter sido o primeiro a transpor os limites de Esparta, após derrotá-la na conhecida batalha de Leuctros em 371 a.C. Plutarco cita o fabulista para contradizê-lo, afirmando que:

τότε δὲ κατεργασμένων τῶν πρηγμάτων ἦσαν ἔτοιμοι πείθεσθαι Κύρῳ. Ὁ μὲν δὴ ὀργῇ ἐχόμενος ἔλεγέ σφι τάδε. Ἴωνες δὲ ὡς ἤκουσαν τούτων ἀνενειχθέντων ἐς τὰς πόλεις, τείχεά τε περιεβάλλοντο ἕκαστοι. Tradução da autora.

³ Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti (ESOPO, 2013). Ressaltamos que todas as citações das fábulas esópicas foram retiradas do referido volume.

⁴ Clayton (2008, p.180) nos esclarece que esta é a referência mais conhecida no Oriente Antigo.

Pois não é como Esopo costumava dizer que a morte dos que são felizes é a mais penosa, mas é a mais bem-aventurada, porque coloca em lugar seguro os bons êxitos dos homens bons e não deixa espaço para a mudança da sorte. (*Vida de Pelópidas*, XXXIV, 5-6)⁵

Os tradutores e comentadores da biografia e Pelópidas não tecem análises sobre essa citação, pode ser até que não se trate do mesmo Esopo. Enfim, essa foi a única citação que encontramos na obra biográfica de Plutarco⁶, dado que em muito contrasta com as numerosas referências a Esopo e a suas fábulas encontradas em seu tratados morais (3A-B; 14C; 14E; 16C; 38B; 79B; 86E-F; 112A; 137D; 139D; 144A; 146B-146D; 146F; 149E; 150A; 150E; 152B; 152D-E; 154B; 155A; 155B-C; 155E; 156A; 157A-B; 157F; 158B; 162B; 164B; 174F; 212E; 225F; 229C; 303C; 400F-401A; 490C; 500C; 506C; 511C; 556-557A; 556F-557A; 609F; 614E; 645B; 790C-D; 806E; 825B; 848A; 871D; 947F; 1067E)⁷, e o referido trecho ainda destoa das opiniões expressas por nosso autor a respeito de Esopo e de suas fábulas. Em razão das muitas referências a Esopo e sua obra, selecionamos as mais importantes para as proposições de Plutarco.

A primeira que destacamos aparece no tratado plutarquiano intitulado *Como os Jovens Devem Ouvir Poesia*:

Pois não somente as pequenas narrativas de Esopo e os enredos poéticos, como os de Ábaris, filho de Heraclides, e Lícon, filho de Aríston, mas também os que explicam as doutrinas filosóficas a respeito das almas, misturadas com a mitologia para que se

⁵ οὐ γάρ, ὡς Αἰσωπος ἔφρασκε, χαλεπώτατός ἐστιν ὁ τῶν εὐτυχούντων θάνατος, ἀλλὰ μακαριώτατος, εἰς ἀσφαλῆ χώραν τὰς εὐπραξίας ἀσφαλῆ χώραν τὰς εὐπραξίας κατατιθέμενος τῶν ἀγαθῶν, καὶ <τῇ> τύχῃ μεταβάλλεσθαι <μὴ> ἀπολιπών. As traduções de todas as citações de Plutarco neste texto foram realizadas pela autora.

⁶ A autora realizou o levantamento das citações de Esopo nas biografias plutarquianas, visto que não há um trabalho de arrolamento das citações nas *Vidas Paralelas*, como há em *Moralia*.

⁷ Dados coletados por Edward N. O'Neil (PLUTARCH, 2004).

entusiasmem com o seu prazer. (*Como os Jovens Devem Ouvir Poesia*, 14E)⁸

Notamos em Plutarco o uso da poesia e das fábulas como elementos propedêuticos que devem ser utilizados na educação dos jovens, visto que eles ainda não estão amadurecidos o suficiente para receberem lições mais aplicadas à filosofia. Daí o ensino dela vir acompanhado de outras narrativas mais aprazíveis e que não causarão estranhamento nem a vontade de abandonar as lições, para que não sejam muito sérias, portanto cansativas. É interessante perceber que Plutarco faz uma adaptação de uma fábula de Esopo justamente em seu tratado *Da Educação das Crianças* para exemplificar a importância da educação e dos hábitos na sua formação, vejamos:

Licurgo, o legislador dos lacedemônios, após pegar dois cãesinhos dos mesmos pais, educou um diferente do outro; assim, tornou um glutão e bruto e o outro, capaz de farejar e de caçar. Depois, quando os lacedemônios estavam reunidos em um mesmo lugar, ele disse: “grande influência para a florescência da virtude, lacedemônios, são os costumes, a educação, os ensinamentos e o modo de vida, eu próprio logo tornarei isso mais claro para vós”. Em seguida, conduziu seus cãesinhos, colocando no meio deles em linha reta um prato e uma lebre, e se despediu dos cãesinhos. E um lançou-se na lebre e o outro se precipitou no prato. Porque nenhum dos lacedemônios pôde compreender o que isso significava e o que ele quis demonstrar com os cãesinhos, disse: “Ambos são dos mesmos pais e tiveram educação diferente, um se tornou glutão e o outro caçador”. Isso é o suficiente sobre os hábitos e o modo de vida. (*Da Educação das Crianças*, 3A-B)⁹

⁸ οὐ γὰρ μόνον τὰ Αἰσώπεια μυθάρια καὶ τὰ ποιητικὰς ὑποθέσεις ἀλλὰ καὶ τὸν Ἄβαριν τὸν Ἡρακλείδου καὶ τὸν Λύκωνα τὸν Ἀρίστωνος διερχόμενοι καὶ τὰ περὶ τῶν ψυχῶν δόγματα μεμιγμένα μυθολογία μεθ' ἡδονῆς ἐνθουσιῶσι.

⁹ Λυκοῦργος γὰρ ὁ τῶν Λακεδαιμονίων νομοθέτης δύο σκύλακας τῶν αὐτῶν γονέων λαβὼν οὐδὲν ὁμοίως ἀλλήλοις ἡγαγεν, ἀλλὰ τὸν μὲν λίχον ἀπέφηνε καὶ σινάμωρον, τὸν δ' ἐξηγεῖν καὶ θηρᾶν δυνατόν. εἰτά ποτε τῶν Λακεδαιμονίων

O episódio relatado por Plutarco mostra-se uma acomodação da fábula “Os Cães” de Esopo, como podemos ver a seguir:

Um homem que era dono de dois cães ensinou um a caçar e fez do outro o seu cão de guarda. E, então, cada vez que o cão de caça saía a caçar e trazia alguma presa, o dono atirava um pedaço dela também para o outro. Indignado, o cão caçador passou a censurar o cão de guarda, pois, enquanto ele próprio vivia saindo e se estafando, o outro nada fazia e se deliciava com os frutos do esforço alheio. Então o cão de guarda lhe retrucou: “Mas não faça críticas a mim, e sim ao meu dono! Foi ele que me ensinou não a trabalhar, mas a desfrutar do trabalho alheio.”

Moral: Assim, também, as crianças preguiçosas não merecem censura, quando os pais as educam dessa maneira (*Fábula 65*)

Apesar de algumas diferenças nos detalhes dos relatos de Plutarco e o de Esopo, percebemos que a finalidade é a mesma, ambos criticam a criação de um indivíduo que não aprende a se esforçar para obter o necessário para viver, o que resulta em um indivíduo preguiçoso e sem ânimo para lutar pelo que lhe é imprescindível, tal o alimento.

Esopo também é uma das personagens presentes em *O Banquete dos Setes Sábios*, e ele é quem está sentado justamente ao lado de Sólon – considerado um sábio pelos antigos gregos – e conta a seguinte fábula:

εἰς ταὐτὸ συνειλεγμένων, ‘μεγάλῃ τοι ῥοπή πρὸς ἀρετῆς κῆσιν ἐστίν, ἄνδρες,’ ἔφησε, ‘Λακεδαιμόνιοι, καὶ ἔθῃ καὶ παιδεῖαι καὶ διδασκαλίαι καὶ βίων ἀγωγαί, καὶ ἐγὼ ταῦτα ὑμῖν αὐτίκα δὴ μάλα ποιήσω φανερὰ’. εἴτα προσαγαγὼν τοὺς σκύλακας διαφῆκε, καταθεὶς εἰς μέσον λοπάδα καὶ λαγῶν κατευθὺ τῶν σκυλάκων. καὶ ὁ μὲν ἐπὶ τὸν λαγῶν ἤξεν, ὁ δ’ ἐπὶ τὴν λοπάδα ὥρμησε. τῶν δὲ Λακεδαιμονίων οὐδέπω συμβαλεῖν ἐχόντων τί ποτ’ αὐτῷ τοῦτο δύναιται καὶ τί βουλόμενος τοὺς σκύλακας ἐπεδείκνυεν, ‘οὔτοι γονέων’ ἔφη ‘τῶν αὐτῶν ἀμφοτέρω, διαφόρου δὲ τυχόντες ἀγωγῆς ὁ μὲν λίχνος ὁ δὲ θηρευτῆς ἀποβέβηκε’. καὶ περὶ μὲν ἐθῶν καὶ βίων ἀρκεῖτω ταῦτα. Plutarco repete essa história em *Ditos dos Lacônios*, 225F.

Ele disse: “Um mulo lídio, após ter visto sua imagem no rio e ter ficado admirado com sua beleza e a pujança do seu corpo, precipitou-se a correr, como se fosse um cavalo, sacudindo a crina. Mas depois que se apercebeu que era filho de um burro, interrompeu rapidamente a sua corrida e abandonou seu orgulho e seu ânimo” (*O Banquete dos Setes Sábios*, 150A-B)¹⁰

A fábula registrada por Plutarco é uma adaptação de “A Mula”:

Uma mula se empanturrou de cevada e, em seguida, se pôs a saltar, enquanto dizia para si bem alto: “Meu pai é um cavalo, rápido na corrida, e eu sou parecida com ele em tudo”. Veio, porém, o dia em que a necessidade obrigou a mula a correr. E quando a corrida chegou ao fim, ela, com cara de tacho, lembrou-se imediatamente de seu pai, o burro.

Moral: A fábula mostra que a pessoa não deve esquecer sua própria origem, ainda que as circunstâncias lhe confirmem prestígio, pois a vida é instável. (*Fábula* 267)

A presença de Esopo no banquete oferecido aos sábios demonstra que Plutarco considera o gênero fabular algo digno de ser aprendido e reproduzido¹¹. Não sem razão, nosso autor afirma: “Mas parece-me que é mais justo que Esopo se declare um discípulo de Hesíodo que Epimênides; pois o seguiu para a fábula sobre o rouxinol e o gavião que foi a origem para essa bela sabedoria, variada e de muitas vozes”¹² (*O Banquete dos Setes Sábios*, 158B). Plutarco se refere aos seguintes versos hesiódicos:

¹⁰ “ἡμίονος δ’,” ἔφη, “Λυδὸς ἐν ποταμῷ τῆς ὄψεως ἑαυτοῦ κατιδὼν εἰκόνα καὶ θαυμάσας τὸ κάλλος καὶ τὸ μέγεθος τοῦ σώματος ὥρμησε θεῖν ὥσπερ ἵππος ἀναχαιτίσας. εἶτα μέντοι συμφρονήσας ὡς ὄνου υἱὸς εἶη, κατέπαυσε ταχὺ τὸν δρόμον καὶ ἀφῆκε τὸ φρύαγμα καὶ τὸν θυμόν.”

¹¹ Kurke (2006, p.7) afirma que Esopo pertence a uma tradição popular que o associa à sabedoria e o inclui na lista dos Sete Sábios da Grécia antiga.

¹² ἄλλ’ Ἡσιόδου μὲν ἐμοὶ δοκεῖ δικαιότερον Αἰσώπος αὐτὸν ἀποφαίνειν μαθητὴν ἢ Ἐπιμενίδης· τοῦτ’ ἄρ’ ἀρχὴν τῆς καλῆς ταύτης καὶ ποικίλης καὶ

Agora uma fábula falo aos reis mesmo que isso saibam.
Assim disse o gavião ao rouxinol de colorido colo
no muito alto das nuvens levando-o cravado nas garras;
ele miserável varado todo por recurvadas garras
gemia enquanto o outro prepotente ia lhe dizendo:
“Desafortunado, o que gritas? Tem a ti um bem mais forte;
tu irás por onde eu te levar, mesmo sendo bom cantor;
alimento, se quiser, de ti farei ou até te soltarei.
Insensato quem com mais fortes queira medir-se,
de vitória é privado e sofre, além de penas, vexame”.
Assim falou o gavião de voo veloz, ave de longas asas.
(*Os Trabalhos e os Dias*, vv. 203-212)¹³

Eis a fábula “O Rouxinol e o Gavião” de Esopo:

Um rouxinol estava cantando, como de costume, pousado no alto de um carvalho. Nisso, um gavião o avistou e, precisando de alimento, voou sobre ele e o agarrou. E o rouxinol, prestes a morrer, pediu que o saltasse, dizendo que não era suficiente para encher o estômago de um gavião; já que precisava de alimento, ele devia atacar pássaros maiores. O gavião retrucou: “Mas eu seria um doido se largasse o pasto garantido que tenho nas mãos para ir atrás dos que ainda não apareceram”.

Moral: Assim, também, dentre os homens, são irracionais aqueles que, na expectativa de bens maiores, deixam escapar os que estão em suas mãos. (*Fábula 344*)

A variação nos relatos dos autores pode ser explicada pelo caráter popular das fábulas e ainda por sua oralidade. Por conta da transmissão oral, encontramos interpretações distintas para uma fábula¹⁴, basta lembrarmos os mitos gregos, nos quais encontramos

πολυγλώσσου σοφίας ὁ πρὸς τὴν ἀηδὸνα λόγος τοῦ ἱέρακος παρέσχηκεν.

¹³ Tradução de Mary Macedo de Camargo Neves Lafer de Hesíodo (1991).

¹⁴ Biscéré (2009, p.10-12) aponta que as variações nos relatos são antigas, por conta dessa oralidade, que dificulta a identificação de seu autor, por isso questiona se essas

distintas versões sobre uma determinada personagem. No entanto, como nos mitos, alguns aspectos são preservados como um gavião que captura um rouxinol, o destaque da força física do gavião ser superior a do rouxinol, também deste ser o alimento do primeiro. O caráter popular das fábulas se justifica ainda pela hipótese de que Esopo teria sido um escravo em Atenas, dado que Plutarco registra no diálogo *O Banquete dos Sete Sábios*, 152D.

Em seu tratado *Do Amor aos Irmãos*, Plutarco menciona uma fábula de Esopo para ilustrar como se comportam dois irmãos, quando são inimigos um do outro, então afirma: “Então é como a galinha de Esopo em relação ao gato, que, por indulgência, busca se informar sobre essa que está adoecida, e ela respondeu: ‘Bem, se tu te mantiveres afastado.’” (479C)¹⁵. Nosso autor se refere a fábula “O Gato Médico e as Galinhas”:

Um gato ouviu dizer que, num galinheiro, havia galinhas doentes. Então ele se vestiu de médico, pegou os instrumentos da profissão e foi para lá. Diante do galinheiro, ele se deteve e perguntou como as galinhas estavam passando. E elas responderam: “Estamos passando muito bem, contanto que você se afaste daqui!”.

Moral: Assim, também, homens perversos não deixam de ser notados pelos prudentes, ainda que representem papel de personagens muito generosas. (*Fábula 146*)

Diferente das referências anteriores, Plutarco não utiliza a fábula esópica como argumento principal para reforçar algum aspecto moral importante ao seu discurso, ele a usa para traçar um paralelo, mas que não deixa de contribuir para o seu raciocínio moralizante.

Outra fábula de Esopo é lembrada por Plutarco logo no início de seu tratado *Sobre se as Doenças da Alma ou as do Corpo são*

fábulas foram compostas por Esopo, sugerindo que se trata de um autor fictício.

¹⁵ καθάπερ οὖν ἡ Αἰσώπειος ἀλεκτορίς πρὸς τὴν αἴλουρον, ὡς δὴ κατ’ εὐνοίαν αὐτῆς νοσοῦσης ὅπως ἔχει πυνθανομένην, ’καλῶς’ εἶπεν ’ἂν σὺ ἀποστῇς’.

as *Piores*, onde afirma que as doenças do corpo são determinadas pelo acaso, ao passo que as da alma são decorrentes do vício, da recusa a uma vida virtuosa. No entanto, paradoxalmente as doenças da alma atingem o corpo, resta então ao doente identificar qual a natureza de sua doença para que inicie a sua cura, visto que a cura está no próprio homem, na mudança de seus hábitos. Para ilustrar tal pensamento, nosso autor argumenta:

A raposa de Esopo estava em disputa com uma pantera a respeito de seu multicolorido, como essa havia mostrado o seu corpo, seu pelo exuberante e malhado, enquanto o dela era amarelo pardo e não era agradável de ver, e ela disse: “Mas se olhares dentro de mim, juiz, verás que tenho mais cores que ela”, mostrando o seu caráter versátil que ela muitas vezes mudava nos momentos necessários. (*Sobre se as Doenças da Alma ou as do Corpo são as piores*, 500C-D)¹⁶.

Já Esopo nos conta em “A Raposa e a Pantera”:

Raposa e pantera discutiam para ver qual das duas era a mais bela. E, como a pantera mencionava a todo instante o colorido mosqueado de seu corpo, a raposa retrucou: “E eu, então! Quanto não sou mais bela que você, eu, que tenho esse colorido não no corpo, mas na alma!”.

Moral: A fábula mostra que superior à beleza do corpo é o adorno da inteligência. (*Fábula* 325)

Ainda que os registros apresentem diferenças em seu conteúdo, notamos que o exemplo moral é o mesmo, até mesmo a preocupação dos autores com a integridade da alma, ou seja, com

¹⁶ Ἡ μὲν οὖν Αἰσώπειος ἀλώπηξ (fab. 42) περὶ ποικιλίας δικαζομένη πρὸς τὴν ἀρδαλιν, ὡς ἐκείνη τὸ σῶμα καὶ τὴν ἐπιφάνειαν εὐανθῇ καὶ κατάστικτον ἐπεδείξατο, τῆς δ' ἦν τὸ ξανθὸν αὐχμηρὸν καὶ οὐχ ἡδὺ προσιδεῖν, 'ἀλλ' ἐμοῦ τοι τὸ ἐντός' ἔφη 'σκοπῶν, ὃ δικάστα, ποικιλωτέραν με τῆσδ' ὄψει', δηλοῦσα τὴν περὶ τὸ ἥθος εὐτροπίαν ἐπὶ πολλὰ ταῖς χρδαίαις ἀμειβομένην·

a virtude em detrimento da aparência física, pressuposto evidente em ambos.

Pelo exposto ao longo deste texto, compreendemos que Plutarco cita as fábulas de Esopo em seus tratados, pois a finalidade de seus tratados é refletir sobre a conduta de um indivíduo, de pensar questões relacionadas à virtude e ao vício. Em razão disso, encontramos referências a Esopo e sua obra em *Moralia*, e não nas biografias, com exceção da biografia de Pelópidas, como vimos¹⁷. Portanto, as fábulas de Esopo servem ao intento principal de Plutarco que é o de formar indivíduos virtuosos por meio do ensino das doutrinas filosóficas. Tal formação deve ser iniciada desde a infância e de forma continuada. Como vimos, as fábulas devem ser ensinadas junto com a filosofia aos adolescentes para que eles encontrem prazer no aprendizado, assim absorvam esses conhecimentos que os acompanharão até o fim de suas vidas.

REFERENCIAS

BISCÉRÉ, A. Les fables d'Ésope : une œuvre sans auteur? **Le Fablier**: Revue des Amis de Jean de La Fontaine, Chateau-Thierry, n.20, 2009, p.9-35.

CLAYTON, E. Aesop, Aristotle, and Animals: The Role of Fables in Human Life. **Humanitas**, Maryland, v.21, n.1/2, p.179-200, 2008.

DUARTE. A. Apresentação. In: ESOP. **Fábulas completas**. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. Ilustrações de Eduardo Berliner. Apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

KURKE, L. Plato, Aesop, and the Beginnings of Mimetic Prose. **Representatnions**, California, v.94, n.1, p.6-52, 2006.

SILVA, M. A. O. **Plutarco historiador**: análise das biografias espartanas. São Paulo: EDUSP, 2006.

¹⁷ Para mais detalhes sobre a finalidade das biografias plutarquianas, consultar Silva (2006).

BIBLIOGRAFIA

Edições e Traduções

ESOPO. **Fábulas completas**. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. Ilustrações de Eduardo Berliner. Apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HERODOTUS. **The Persian Wars. Books I-II**. Translated by Anthony D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução, introdução e comentários de Mary Macedo de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

PLUTARCH. **How the young man should study poetry. Moralia**. Translated by Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 2005. v.1.

_____. **Life of Pelopidas. Lives**. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 2004. v.5.

_____. **Moralia. Index**. Compiled by Edward N. O'Neil. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

_____. **On Brotherly Love. Moralia**. Translated by W. C. Helmbold. Cambridge: Harvard University Press, 2000. v.6.

_____. **The Education of Children. Moralia**. Translated by Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 2005. v.1.

_____. **Whether the Affections of the Soul are Worse Than Those of the Body. Moralia**. Translated by W. C. Helmbold. Cambridge: Harvard University Press, 2000.v.6

_____. **The Dinner of the Seven Wise Men. Moralia**. Translated by Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 1978. v.2.